

Língua Brasileira de sinais e suas variações

Karina Ávila Pereira

Programa de Pós-graduação em Educação

Universidade Federal de Pelotas

Bolsista Capes

Eixo temático: Surdez- Deficiência auditiva

Pôster

Resumo

A pesquisa de mestrado que pretendo descrever neste artigo tem por objetivo problematizar como vem ocorrendo a difusão da Língua brasileira de sinais nos ambientes escolares, e se alunos do ensino fundamental apresentam variações linguísticas em seus discursos. Para isso, um instrumento piloto foi organizado com o intuito de analisar se as ferramentas metodológicas seriam suficientes para coletar os dados desses alunos, tendo em vista a necessidade de adequação e adaptação dos instrumentos frequentemente utilizados em pesquisas sociolinguísticas sobre variações linguísticas em línguas de sinais e os objetivos e características desta pesquisa. Esta investigação, ainda em andamento, objetiva mostrar ainda, as possíveis in/exclusões sociais e educacionais de surdos pelo uso de variantes linguísticas e, para tal, utiliza de entrevistas com alunos de escolas de surdos e intérpretes de língua de sinais. A comunidade surda se apresenta como grupo em que identidades e culturas se produzem a partir da experiência visual e do compartilhamento de uma língua viso-gestual. A língua de sinais para os surdos é uma marca de suas identidades e o papel das escolas de surdos é incentivar essa marca, ou seja, valorizar o ensino e difusão desta língua como elemento característico de uma cultura e propiciador de comunicação entre seus pares e com o mundo ouvinte.

Palavras-chave: surdez, Libras, variação linguística

Introdução

No campo da educação, o reconhecimento da variação linguística e sua estreita correlação com a heterogeneidade social vêm mudando de modo radical das concepções de língua e de ensino de língua nas diretrizes oficiais e na prática pedagógica em sala de aula. Pesquisas comprovaram que as línguas de sinais variam, da mesma forma como se observa nas línguas orais. Idade, escolaridade, grau de contato com a comunidade surda, personalidade, sexo, entre outros fatores, são as possíveis causas para essas variações. (KARNOPP, s/d, p. 7)

Bagno (1999) nos desperta para uma polêmica no meio educacional brasileiro: o preconceito linguístico e suas consequências sociais, políticas e educacionais. Seus estudos

apóiam-se na linguística moderna, em um discurso em favor de uma educação linguística voltada para a inclusão social e pelo reconhecimento e valorização da diversidade cultural brasileira. Existem vários tipos de preconceitos em nosso país, como os de manipulação ideológica, ignorância, racial, sexistas, entre outros. No entanto, é preciso dar atenção para um tipo, em especial, pois ele acontece de forma silenciosa e vêm sendo constantemente alimentado por programas de televisão, rádio, revistas e livros.

O preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é “invisível” no sentido de que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele com exceção dos raros cientistas sociais que se dedicam a estudá-lo. (BAGNO,1999, p.23-24)

É neste sentido que utilizarei as contribuições deste autor para analisar como esse fenômeno vem ocorrendo na língua de sinais brasileira. Iniciarei minhas argumentações fazendo um resgate sobre o *status* linguístico das línguas de sinais, que após diversas pesquisas descreveram e demonstraram este *status*, desmistificando, dessa forma, concepções inadequadas em relação a esta modalidade de língua (KARNOPP, 1994). Em obra conjunta, Quadros e Karnopp (2004, p. 31-37) nos informam alguns dos mitos sobre as línguas de sinais.

Mito 1. A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos;

[...]

Mito 2. Haveria uma única e universal língua de sinais usada por todas as pessoas surdas;

[...]

Mito 3. Haveria uma falha na organização gramatical da língua de sinais, que seria derivada das línguas orais, sendo um pidgin sem estrutura própria, subordinado e inferior às línguas orais;

[...]

Mito 4. A língua de sinais seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral;

[...]

Mito 5. As línguas de sinais derivariam da comunicação gestual espontânea dos ouvintes;

[...]

Mito 6. As línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial, enquanto que o esquerdo, pela linguagem.

[...]

Os mitos citados acima foram explicados cientificamente, demonstrando não passarem de frutos da ignorância de muitos linguistas e estudiosos da área que insistiam (e ainda insistem) de que as línguas de sinais são linguagens e não línguas.(QUADROS e KARNOPP, 2004)

Desenvolvimento

Bagno (1999, p.23), anteriormente a essas autoras, apresentou “a mitologia do preconceito linguístico” descrevendo oito mitos sobre a língua portuguesa falada no Brasil. Suas argumentações remetem-nos à ideia de que no Brasil não existe uma *política linguística oficial* capaz de dar conta dos direitos linguísticos das minorias ou falantes de línguas minoritárias (mais de duzentas no Brasil). O mesmo pode ser dito em relação à Libras, que se constitui como uma língua de modalidade viso-espacial utilizada pelas comunidades surdas brasileiras.

A Língua de Sinais no Brasil teve influência da Língua de Sinais Francesa, uma vez que E. Huet, professor surdo fundador da primeira escola de surdos no país, era ex-aluno do Instituto de Surdos de Paris. Baseadas nisso, muitas pessoas acreditam que as línguas de sinais sejam universais, ou seja, que em qualquer lugar do mundo os surdos utilizam-se de um mesmo código linguístico. Quadros e Karnopp (2004) apresentam os mitos da língua de sinais brasileira, já explicitados anteriormente, e desmistificam a universalidade desta, pois cada país possui a sua própria língua de sinais, as quais sofrem influências da cultura nacional, além de apresentarem regionalismos, o que confirma seu *status* de língua e não linguagem.

Partindo do processo de aquisição, quando em contato com qualquer língua natural, a criança vai se apropriando intuitivamente dos princípios e das regras que caracterizam a língua a que foi exposta e, então, esta passa a ser a sua primeira língua. Linguístas, educadores e a própria comunidade surda consideram que a língua de sinais é a língua natural dos surdos. Outros pesquisadores problematizam o termo “natural”, afirmando que a Libras é a língua nativa, pois ela só se desenvolverá mediante interação com uma comunidade. No entanto, quando uma criança surda tem acesso a uma língua de sinais desde pequena, isto permitirá a ela ter um processo de aquisição semelhante ao das crianças ouvintes; então ela se apropriará de igual modo dessa língua, tornando-se um falante nativo da mesma, e essa será a sua língua materna, segundo Coelho (2007).

Entretanto, afirmar que a língua de sinais brasileira é a língua materna dos surdos brasileiros é um tema controverso: seria língua materna para aqueles que são filhos de pais surdos. Convém, no entanto, lembrar que as crianças surdas, filhas de pais surdos, representam apenas 5% a 10% das crianças surdas, o que significa que uma expressiva maioria cresce numa família ouvinte que, geralmente, desconhece a língua de sinais. (QUADROS, 1997)

Nem sempre a comunicação de surdos filhos de pais ouvintes acontece de forma efetiva, uma vez que a língua de sinais não é a língua nativa desses pais. Em alguns casos, crianças surdas chegam à fase escolar sem terem adquirido uma língua, a qual as possibilite estruturar o pensamento, base para uma comunicação efetiva. Em algumas ocasiões, essas crianças surdas que não são expostas a uma língua de sinais desenvolvem outras formas de linguagem, como gestos caseiros que são compartilhados no espaço familiar.

Em uma de suas publicações, Mottez (2006) nos relata o que ele considera como minoria linguística. Diz o autor: “O que significa pertencer a uma minoria linguística? Quer dizer, primeiramente, *ter uma língua sua, uma língua que não seja a língua da maioria*” (p.245)¹. [itálico do autor]

Mottez, ainda argumenta que essa língua não é aprendida na escola, mas geralmente em casa ou na casa de outros membros dessa minoria e também é utilizada normalmente quando membros dessa minoria se encontram. Pertencer a uma minoria, para este autor, significa poder dizer que somos bilíngues.

Pertencendo a uma minoria linguística somos bilíngues. Isto significa dizer ser mais rico que alguém que fale somente uma língua [...] Portanto, pertencer a uma minoria linguística, significa, finalmente dizer também *ser objeto de uma maioria que carrega uma certa desconfiança e desprezo*. (MOTTEZ, 2006, p.246)²[itálico do autor]

A partir da Lei nº 10.436 de 2002, após muitas lutas da comunidade surda, amparadas em pesquisas sobre sua estrutura e uso, a Língua Brasileira de Sinais tornou-se uma língua reconhecida em nosso país. Encontramos na referida lei o seguinte texto:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.(BRASIL, 2002, p.1)

¹ Traduzido para este artigo do original: Cela veut dire, premièrement, *avoir une langue à soi, une langue qui n'est pas comprise de la majorité*.

² Traduzido para este artigo do original: Appartenir à une minorité linguistique, c'est être bilingue. Cela veut donc dire être plus riche que celui qui n'a à sa disposition qu'une seule langue.[...] Pourtant, appartenir à une minorité linguistique, cela veut dire et enfin *être l'objet de la part de la majorité d'une certaine méfiance et d'un certain mépris*.

Neste momento, utilizar-me-ei de um dos oito mitos citados por Bagno, fazendo uma analogia com os mitos da língua de sinais apresentados por Karnopp e Quadros (2004) para tentar entender algumas práticas que estão ocorrendo na Libras, principalmente na área da difusão desta. O primeiro mito, analisado por Bagno é de que “o português do Brasil apresenta uma unidade surpreendente”, constituindo um dos mitos mais prejudiciais para a Educação, pois não reconhece a diversidade da língua portuguesa que usamos no Brasil. Também nega a condição multilíngue, multicultural, na qual o Brasil se encontra e reforça a concepção da homogeneidade linguística.

O fato é que, como a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja “una”, uniforme e homogênea. O monolinguísmo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico e etc.) e em todos os seus níveis de uso social, variação regional, social, etária, estilística e etc. (BAGNO, 1999, p. 27-28.)

Este mito pode ser relacionado com o mito 2 apresentado por Quadros e Karnopp (2004), no qual se pensava que as línguas de sinais eram universais. Também é aplicável relacionarmos com a ideia de que as línguas de sinais não apresentariam variações regionais no Brasil.

Por variação linguística na Libras Karnopp (s/d, p.6-7) nos diz que:

Ao estudarmos as línguas de sinais, estamos tratando também das relações entre linguagem e sociedade. A linguística, ao estudar qualquer comunidade que usa uma língua, constata, de imediato, a existência de diversidade ou de variação, ou seja, a comunidade linguística (no caso aqui investigado, a comunidade de surdos) se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de usar a língua de sinais. A essas diferentes maneiras de fazer sinais, utiliza-se a denominação de “variedades linguística”.

Cabe salientar que, embora as variações regionais sejam aceitas por usuários desta língua, as variações mais difundidas em nosso país são as variantes de São Paulo e Rio de Janeiro, fato este que decorre, entre outros motivos³, pelo grande número de dicionários e glossários serem elaborados nessa região. Como exemplo desses instrumentos difusores temos o Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue de Língua Brasileira de Sinais

³ Um dos motivos para essa difusão está vinculada ao fato de que a primeira escola de surdos do Brasil foi fundada no Rio de Janeiro em 1857, e foram nestas regiões que as primeiras associações de surdos foram fundadas, o que coloca estes dois centros como referência na questão da educação de surdos e da difusão da Libras.

(CAPOVILLA; RAPHAEL, 2006), os dicionários digitais em Cd-Rom⁴, ambos editados no estado de São Paulo, e dicionários on-line. O fato que poderia contribuir para algum preconceito linguístico ainda seria decorrente de materiais didáticos elaborados para cursos de Libras⁵ serem derivados desses estados, pois algumas variantes apresentadas nestes, podem não ser utilizadas no Rio Grande do Sul, nem em outras regiões brasileiras.

Outro ponto a ser considerado neste mito é o fato de existir um “abismo linguístico” entre os surdos letrados⁶ graduados e algumas vezes pós-graduados, dos surdos que não concluíram o ensino fundamental ou médio, por diversas razões. Acredita-se que os surdos letrados utilizam uma língua de sinais mais sofisticada e pura. Particularmente as palavras - pura e sofisticada - parecem-me carregar um preconceito linguístico, pelo fato delas remeterem a noção de homogeneidade linguística, que como anteriormente foi comentado, remete um dos mitos que aqui analiso.

Há ainda a ideia de que esses surdos, “os outros”, os iletrados, apresentam “problemas mentais”, pois a língua de sinais que eles utilizam é rústica e precária. Ora, a maioria das pessoas que difundem este discurso de *língua precária*, são, em sua maioria, professores de surdos, ouvintes que nem sequer dão suas aulas em língua de sinais, mas geralmente utilizam os TIs- Tradutores-Intérpretes da língua brasileira de sinais, para isso. Além disso, alguns professores estão atuando há anos na educação de surdos e, infelizmente, não podem nem ser considerados fluentes na língua de sinais. (KARNOPP e KLEIN, 2007). Ainda sobre essa relação entre os usos de diferentes repertórios linguísticos e problemas pedagógicos ou mentais, Bagno argumenta:

[...] É preciso sempre desconfiar da “psicologização” dos problemas pedagógicos, evitar atribuir ao indivíduo algum tipo de “deficiência” particular, quando a deficiência se encontra, de fato, nos pressupostos teóricos e metodológicos da pedagogia tradicional, profundamente impregnados de seculares preconceitos sociais. Antes de empreender qualquer trabalho pedagógico, é necessário conhecer a realidade sociolinguística do público-alvo, para que se possa partir dela em direção à ampliação do repertório linguístico e da competência comunicativa dos aprendizes. (BAGNO, 1999, p.33)

Este discurso deficitário já há muito tempo vem *dizendo verdades* sobre os sujeitos surdos (Skliar, 1998). A “culpa” para as possíveis dificuldades de aprendizagem desses sujeitos foi e é relacionada primeiramente ao fato do sujeito ser surdo, em seguida, ter

⁴ A Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação (MEC) produziu o Dicionário Digital na Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, no formato CD-Rom. Foram distribuídos cerca de 15 mil dicionários para todo o País. Espera-se que cerca de 50 mil estudantes de escolas públicas brasileiras utilizem o material. .

⁵ Como exemplo temos as apostilas Libras Legal, Libras em contexto, entre outros.

⁶ Utilizo a expressão surdos letrados para me referir aos surdos dentre os quais os universitários que utilizam a língua portuguesa escrita.

adquirido a língua de sinais tardiamente e, ainda, considerarem esta língua não suficientemente estruturada ou inferior ao sistema oral⁷. A segunda alternativa para as dificuldades de aprendizagem é explicada por muitos linguístas baseados no argumento de que todos os humanos possuem um período crítico para aquisição da primeira língua, que se iniciaria por volta dos dois anos de idade e se encerraria por volta da puberdade. Ele é chamado de período crítico, pois seria o mais sensível para a aquisição da linguagem. (Quadros, 2008, p. 78)

Alguns surdos se encaixam nessa situação e, de fato, apresentam sérias dificuldades de aprendizagem. No entanto, embasar o discurso generalizante de que os surdos têm dificuldades de aprendizagem e justificar o uso de variantes desprestigiadas em decorrência de uma comparação de “tempo de estudo” é extremamente preconceituoso e merece ser revisto principalmente nos ambientes educacionais.

Objetivos

Neste artigo pretendo descrever como vem ocorrendo a difusão da Língua brasileira de sinais nos ambientes escolares, e se alunos do ensino fundamental apresentam variações linguísticas em seus discursos.

Metodologia e Conclusões

Para o instrumento-piloto desta pesquisa contei com a participação de um aluno surdo da 7ª série do ensino fundamental. Foi disponibilizado ao aluno um livro de história infantil para que ele contasse a história em língua de sinais.

A obra que foi utilizada para essa coleta de dados inicial foi “Os feitiços do vizinho”⁸, que por tratar-se de uma obra totalmente visual estimula, desta forma, a produção da *fala* dos alunos surdos ao narrarem a mesma para o pesquisador. Para analisar os dados coletados contei com o apoio de uma tradutora/interprete da Libras que assistiu ao vídeo e apontou algumas mudanças presentes na *fala*/contação do aluno escolhido para esta análise prévia. Abaixo, apresento as mudanças percebidas e outras considerações feitas pela tradutora.

1) Foi percebida uma grande expressividade por parte do aluno, utilizando expressão facial e corporal característicos das línguas de sinais;

⁷ Conforme apresentado por Karnopp e Quadros (2004) quando descrevem os mitos 3 e 4.

⁸ JUNQUEIRA, Sônia; HADDAD, Mariângela. *Os feitiços do vizinho*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.



- 2) A locação dos personagens bem marcada, principalmente nos momentos em que era preciso trocar de 1º para 3º pessoa;
- 3) Uso ativo de classificadores;
- 4) Alguns acréscimos pessoais na narrativa, no intuito de incrementá-la;
- 5) Alguns sinais em que se perceberam mudanças foram: CALOR, (ver e nunca)
- 6) Alguns sinais como O QUÊ, MEDO e BARULHO foram utilizados com duas mãos e com uma também, marcando, talvez uma ênfase;

Com a aplicação deste instrumento-piloto foi possível comprovar a sua funcionalidade para os objetivos desse estudo, pois nestes dados foram encontradas variações linguísticas. No decorrer da pesquisa, a partir dos dados coletados com os demais informantes, será possível comparar as outras variantes de alunos de escolas de surdos ou de classes específicas/inclusivas que tenham a mesma escolaridade. Um outro ponto a ser considerado é a diferença de fluência entre os alunos da escola especial e os alunos da escola inclusiva, dado os contextos educacionais que são diferentes. Os alunos da escola especial, em sua maioria encontram-se nessa escola desde pequenos, e nesse ambiente os professores e funcionários são sinalizadores, o que, muitas vezes não ocorre na escola inclusiva, onde os alunos para se comunicarem utilizam-se de Tradutores-intérpretes da Libras, pois nem sempre os professores e funcionários dominam essa língua. . Além disso, pretendo com essa investigação contribuir com os estudos variacionistas da Libras e estudos relacionados a processos de in-exclusão em ambientes escolares de alunos surdos

Referências

- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado trilingue- Língua de sinais brasileira*. São Paulo: Edusp, 2008.
- COELHO, Orquídea. *Construindo carreiras: (re)desenhar o percurso educativo dos surdos a partir de Modelos Bilingues*. Porto: Tese de doutoramento, F.P.C.E.U.P. (Documento não publicado), 2007.
- FINGER, Ingrid; QUADROS, Ronice M. de. *Teorias da Aquisição da Linguagem*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.
- JUNQUEIRA, Sônia; HADDAD, Mariângela. *Os feitiços do vizinho*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena. Narrativas de professoras sobre a(s) língua(s) na educação de surdos. In: *Educação & Realidade*. v. 32, n. 2 (jul/dez 2007). Porto Alegre: UFRGS/FACED, 2007, p. 63 – 78.



KARNOPP, Lodenir B.; QUADROS, Ronice Müller de. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. 1. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

_____, Lodenir B. *Fonética e fonologia*. Apostila do curso de Letras-Libras- licenciatura e bacharelado. [s/d]

_____, Lodenir. B. *Aquisição do parâmetro configuração de mão na língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)*: estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos. Porto Alegre, PUC: Dissertação de Mestrado, 1994.

LEI FEDERAL 10.436 de 24 de Abril de 2002. Disponível em www.leidelibras.gov.br. Acessado em 10/02/2010.

MOTTEZ. Bernard. *Les Sourds existent-ils?* (Org.) Andréa Benvenuto. Paris: L'Haemattan, 2006.

QUADROS, R. M. de. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SKLIAR, C. B. (Org.) . *A Surdez: Um olhar sobre as diferenças*. 2. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998. v. 1.